

CORREIO BRASILIENSE

A grande fornalha do cerrado

Sessenta focos de incêndio no fim de semana devastam reservas ecológicas inteiras e agravam sintomas da seca no Distrito Federal

Ana Delmonte
Da equipe do Correio

O fim de semana seco e quente trouxe mais do que calor para Brasília. Os 13% de umidade relativa do ar registrados no sábado e os 30° marcados pelos termômetros no domingo transformaram o cerrado numa verdadeira fornalha. Nos dois dias, surgiram nada menos do que 60 focos de incêndio em diferentes partes do Distrito Federal. O mais grave deles consumiu 60% da Reserva Ecológica do Jardim Botânico e somente foi extinto às 23h de domingo. Até bombeiros em descanso foram recrutados para controlar o fogo.

A segunda-feira começou menos seca, mas igualmente quente. A umidade relativa do ar passou para 26% e a temperatura máxima permaneceu em 30°. O suficiente para dar mais trabalho para os bombeiros.

Um incêndio iniciado no domingo castigou até o final da tarde de ontem parte da área de reflorestamento do Profitora, na DF 180, que liga Taguatinga a Brazlândia. Foram necessários 35 bombeiros para extinguir as chamas. O fogo também ardeu em uma área próxima ao Setor de Garagens. O incêndio começou por volta das 12h e ontem no final da tarde já estava sob controle, segundo informações do Corpo de Bombeiros.

“Esse foi de longe o final de semana com maior número de incêndios no ano”, afirma o capitão Alexandre Costa da Silva, do Centro de Operações do Corpo de Bombeiros. Além do Jardim Botânico, houve incêndios no Parque das Emas e na Base Aérea.

CULPA DO HOMEM

Com os 60 incêndios, o final de semana alcançou a média registrada em julho do ano passado. Naquele mês, foram contabilizados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama) 30 focos de chamas a cada dia.

Desse total, de acordo com o capitão Alexandre, 90% são causados pelo próprio homem, ainda que involuntariamente. Nessa época do ano, a displicência de jogar pela janela do carro uma ponta de cigarro ou um palito de fósforo e as queimadas feitas sem os devidos cuidados são os principais causadores de incêndio.

“Na hora de fazer uma queimada, é preciso levar em conta a direção do vento, a topografia do local e a proximidade da água. Não dá para colocar fogo sem estar atento a esses fatores”, alerta Alexandre. Por isso, alerta o bombeiro, antes de queimar qualquer pedaço de terra, é preciso buscar as devidas orientações com os próprios bombeiros, com o Ibama ou com a Emater.

Para uma corporação que combate o fogo de forma precária e arcaica, a prevenção é fator decisivo. Enquanto

países do primeiro mundo liquidam incêndios florestais com aviões que carregam até seis toneladas de água, os bombeiros brasileiros enfrentam as chamas carregando nas costas os compartimentos de água. Ou então se utilizam dos abafadores, outro recurso igualmente antiquado.

“Todo ano a gente faz um alerta às autoridades da necessidade de se equipar melhor a corporação. Trabalhar assim é um desgaste muito grande para o bombeiro”, afirma Alexandre. Sem uma perspectiva concreta de melhoria nas condições de trabalho, os bombeiros se esforçam para detectar o quanto antes os focos de incêndio.

ÁREAS DE RISCO

As áreas de maior risco no Distrito Federal — como o Parque Nacional, Reserva de Águas Emendadas e Jardim Botânico — estão no roteiro de um bombeiro destacado especialmente para localizar incêndios.

“Se o fogo não tivesse sido detectado depressa, o estrago teria sido muito maior”, diz a diretora do Jardim Botânico, Alba Ramos, enquanto contabiliza os prejuízos à flora e à fauna da reserva.

Para apagar o incêndio, que na noite de domingo se aproximava da área freqüentada pelos visitantes do Jardim Botânico, foram necessários mais de 200 homens, num esforço que envolveu bombeiros, Secretaria do Meio Ambiente e Tecnologia (Sematec), Caesb, SLU, IBGE e Aeronáutica.

O fogo passou por cima de ipês e quaresmeiras, árvores que dão flores nessa época do ano, e desabrigou animais silvestres como taimanduas-bandeira e lobos-guará. “O desastre é enorme. Para fugir do fogo, esses animais saem da área de abrangência da reserva e ficam desprotegidos e sem alimento. Podem ser atropelados ou até mesmo caçados”, alerta o engenheiro agrônomo Marcelino Boaventura.

A maior parte da área atingida é coberta de plantas típicas do cerrado, consideradas resistentes ao fogo e de fácil recuperação. “Em seis meses, já dá para notar a recuperação”, explica a diretora do Jardim Botânico.

O prejuízo maior, na sua avaliação, está nas duas matas que também foram atingidas — uma na Escola Fazenda e outra às margens do córrego Cabeça de Veado, que corta a reserva de ponta a ponta e é responsável pelo abastecimento de dois terços do Lago Sul. Nessas áreas, a vegetação é menos resistente ao fogo e a recuperação será mais lenta.

Os bombeiros concluirão a perícia do incêndio ainda essa semana e há indícios de que o fogo não tenha se iniciado acidentalmente. “Os focos de incêndio apareciam em vários lugares ao mesmo tempo”, explica Aida.

Ronaldo de Oliveira



Jardim Botânico perdeu 60% da reserva ecológica de 5 mil hectares em incêndio que durou todo o fim de semana